

OS MACRO-DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO EPISTEMOLÓGICA NO ENSINO SUPERIOR ANGOLANO**The Macro-Challenges of Epistemological Communication in Angolan Higher Education****Los Macro-desafíos de la Comunicación Epistemológica en la Enseñanza Superior Angolana****Autor:** Paulo Luzolo Muanda**Ensaio Académico****RESUMO**

O presente ensaio científico segue os vestígios de que tipologia de ciência é a comunicação, aventando a suposição de, em face de querelas epistemológicas e de contextualização histórico-social, constituir-se como uma ciência embrionária tardia. Para isso, investiga-se, ab initio, a categorização da comunicação epistemológica e o mapeamento bifurcante das ciências sociais. A dimensão estética da comunicação epistemológica enfatiza a educação de esperança através duma pedagogização preventiva que sustenta a alfabetização do homem da cuja qual resultam o direito inalienável à maturação intelectual e o pressuposto ontológico contra a recusa pedagógica à estreiteza científica e à ignorância enciclopédica. Na tríplice dimensão do tempo, essa promiscuidade pedagógica reinante instrumentaliza, entretanto, um princípio moral docente segundo o qual chumbar alunos é proibido, mesmo que mal saibam escrever e falar. Neste dealbar do milénio, tanto quanto o diz Murcho, agora já estamos na situação em que alguns docentes mal sabem escrever e falar – os produtos do sucesso académico já estão nas universidades a perpetuar o atraso escolar nacional. As instituições académicas devem ser, efectivamente, centros vivos de estudo, centros de vida cultural, centros de transmissão e produção de conhecimento. Uma verdadeira universidade tem de purgar pela qualidade, porque o excesso de profissionalismo robotiza o docente e guilhotina a excelência pedagógica. Por fim, este artigo pretende contribuir para o debate epistemológico e metodológico da comunicação sui generis.

Palavras-chave: Comunicação epistemológica; Discurso; Ensino superior.

SUMMARY

This scientific essay follows the traces of what type of science is the communication, raising the assumption that, in the face of epistemological disputes and historical-social contextualization, constitute itself as a late embryonic science. To this end, we investigate, ab initio, the categorization of epistemological communication and the bifurcating mapping of social sciences. The aesthetic dimension of communication epistemological approach emphasizes the education of hope through preventive pedagogization that supports human literacy, which results in the inalienable right to intellectual maturation and the ontological assumption against the pedagogical refusal of narrowness scientific and encyclopedic ignorance. In the triple dimension of time, this prevailing pedagogical promiscuity instrumentalizes, however, a moral principle teacher according to which failing students is prohibited, even if they barely know how to write and to speak. At the dawn of the millennium, as Murcho says, we are now in the situation where some teachers barely know how to write and speak – the products of academic success. They are already in universities perpetuating the national educational delay. The institutions academic institutions must effectively be living centers of study, centers of cultural life, centers for the transmission and production of knowledge. A true university has to purge for quality, because excessive professionalism robotizes the teacher and guillotines pedagogical excellence. Finally, this article aims to contribute to the debate epistemological and methodological of communication sui generis.

Keywords: Epistemological communication; Speech; University education.

RESUMEN

Este ensayo científico sigue las huellas de qué tipo de ciencia es la comunicación, planteando el supuesto de que, frente a las disputas epistemológicas y la contextualización histórico-social, se constituye como una ciencia embrionaria tardía. Para ello, investigamos, ab initio, la categorización de la comunicación epistemológica y el mapeo bifurcador de las ciencias sociales. La dimensión estética del enfoque epistemológico de la comunicación enfatiza la educación de la esperanza a través de una pedagogización preventiva que sustente la alfabetización humana, que redunde en el derecho inalienable a la maduración intelectual y la asunción ontológica frente al rechazo pedagógico de la estrechez científica y la ignorancia enciclopédica. En la triple dimensión del tiempo, esta promiscuidad pedagógica imperante instrumentaliza, sin embargo, un principio moral docente según el cual se prohíbe a los estudiantes reprobar, incluso si apenas saben escribir y hablar. En los albores del milenio, como



dice Murcho, nos encontramos en una situación en la que algunos profesores apenas saben escribir y hablar, producto del éxito académico. Ya están en las universidades perpetuando el atraso educativo nacional. Las instituciones académicas deben ser efectivamente centros vivos de estudio, centros de vida cultural, centros de transmisión y producción de conocimientos. Una verdadera universidad tiene que depurar la calidad, porque el exceso de profesionalismo robotiza al docente y guillotina la excelencia pedagógica. Finalmente, este artículo pretende contribuir al debate epistemológico y metodológico de la comunicación sui generis.

Palabras clave: Comunicación epistemológica; Discurso; Educación universitaria.

INTRODUÇÃO

A quadrimimensionalidade estética da comunicação epistemológica – Teoria Luzolista dos 4 Cs, Comunhão, Comunicação, Comunidade, Comum – enfatiza a educação de esperança através duma pedagogização preventiva que sustenta a alfabetização do homem da cuja qual resultam o direito inalienável à maturação intelectual e o pressuposto ontológico contra a recusa pedagógica à estreiteza científica e à ignorância enciclopédica.

Essa promiscuidade pedagógica reinante instrumentaliza, entretanto, um princípio moral docente segundo o qual «chumar alunos é proibido, mesmo que mal saibam escrever». Neste dealbar do milénio, tanto quanto o diz Murcho, agora já estamos na situação em que alguns docentes mal sabem escrever e falar – os produtos do sucesso académico já estão nas universidades a perpetuar o atraso escolar nacional. Mas as universidades não devem ser máquinas burocráticas – senão máquinas de esforço –, devem ser, certamente, centros vivos de estudo, centros de vida cultural, centros de transmissão e produção de conhecimento.

Também compete ao professor devolver às universidades a sua verdadeira vocação, e tirar das garras dos burocratas do Ministério e dos políticos cinzentos de discurso televisivo o destino das instituições académicas. A elas restituir a missão profética do ensino para todos, a paixão dialéctica para a dignificação do homem novo e a profissão enfática do futuro para a construção de comunidades. Não obstante, são essas pessoas que querem universidades passivas porque querem cidadãos passivos, que querem a cultura afastada das universidades porque a ferramenta da intenção é dividir para conquistar. Porém a universidade não deve nem pode dissociar-se da vida cultural e pública de um país.

Não se pode nadificar o ensino, não se pode discuti-lo em defesa do “bicho próprio”, das cores partidárias, das crenças filosóficas, artísticas, teológicas, ou melhor, para a aferição dos



resultados pedagógicos, o areópago político raramente fornece prazer estético no que ao desenvolvimento da sensibilidade e do carácter dizem respeito. Uma verdadeira universidade tem de purgar pela qualidade, porque o excesso de profissionalismo robotiza o docente e guilhotina a excelência pedagógica.

Logo, faz-se mister afirmar que, *mutatis mutandis*, a comunicação, na sua dimensão estética, visa, basicamente, à partilha de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos os avanços obtidos.

Dito de outro modo, com base nas evidências de que o desenvolvimento da comunicação tem aspectos de ciência básica e nas profundas alterações das relações sociais trazidas pela emergência das tecnologias de comunicação, sobretudo a internet, e seus modos de ser e viver, uma das formas de posicionamento é a identificação de arenas e actores relevantes. Assim, apontar-se-iam como principais – mas não exclusivos: governo e organismos estatais, comunidade científica, escolas e todo o sistema educativo, meios de comunicação social. A estas arenas e actores liga-se uma grande variedade de papéis sociais, de lógicas e modos de funcionamento, de discursos. Essa movimentação e essa reorganização, tal como no-lo diria Sodré (2014), accionadas pela velocidade das ondas electromagnéticas, apontam para o cerne da questão da comunicação.

DESENVOLVIMENTO

Os conceitos de estética e epistemologia não se confundem, porque um tem sido vítima de uma elevadíssima incompreensão fulcral, embora, filosoficamente, a noção estética fosse ademais usada para qualificar certo tipo de experiências, de objectos, de propriedades, de juízos, de prazeres, de valores e de atitudes, e a epistemológica não é moral, não é uma forma de obrigação (tu deves..., não podes...), outro de efeito pleiotrópico.

A Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, n.º 32/20 de 12 de Agosto, define as formas de gestão democrática do ensino público, público-privado e privado na educação e noutros níveis, razão qual promove o respeito pelos símbolos nacionais e a valorização da história, da cultura nacional, da identidade nacional, da unidade e integridade territorial, da preservação da soberania, da paz e do Estado democrático de direito, bem como dos valores morais, dos bons costumes e da cidadania.

O investimento no sector educacional ainda não vislumbra épocas auspiciosas para a nossa educação, tal que, entrementes, não radiografa um legado da humanidade indizível, uma ética



racional inquestionável, uma emancipação biopsicossocial insubstituível e uma civilização pedagógica inesquecível. Assim, a comunicação epistemológica é trazida à colação para acudir a acusação contra a gestão e a organização internas.

A forma, a maxime, com a qual começava Luiz Martino (2017) os seus escritos sobre a epistemologia da comunicação defende uma estratificação da natureza cinematográfica ontológica do ensino de qualidade, a qual não se mostra compatível com o formalismo atávico com que se aprende nas universidades. No entanto, a lógica que forma o pensamento científico no ensino superior angolano, *mutatis mutandis*, revela-se nos peremptório, haja vista que o professor de comunicação, que deseje fazer um bom trabalho, enfrenta obstáculos atrelados à formação superior deficiente, aos colegas desmotivados, aos péssimos programas (curricula) e, finalmente, aos estudantes desmotivados. Transversalmente à interdisciplinaridade, em seu *modus faciendi*, doutrinário, a sociologia, a psicologia, a filosofia e a linguística são apenas alguns exemplos da grande variedade de disciplinas que se têm interessado pelas questões de comunicação e linguagem na ciência, o que, naturalmente, implica uma multiplicidade de quadros teóricos e opções metodológicas de pesquisa.

Assim, a crítica preventiva do perfil comunicativo que não obsta sem apontar caminhos, que não nega, sem reconstruir, que opõe visando fortalecer, parte do que o investigador faz, tenta examinar a consciência do fazer, sua semântica, por isso, nada tem que ver com a ideia de uma normatividade inibidora (tolher, proibir...), que se traduziria como privação da liberdade do pesquisador. Pelo contrário, a epistemologia ajuda a fazer o que se está a fazer ; acima de tudo, é uma compreensão.

Epistemologia não é metafísica. Ela não corresponde à defesa – nem mesmo à busca – da fundamentação última do conhecimento. Ela não é política. Ponto mais delicado, porquanto o pensamento marxista difundiu a crença de que o poder é a realidade última das coisas. Para muitos, o simples facto de falar de ciência já abomina, posto que ela seria uma manifestação do poder ou um instrumento nas relações de poder. Entretanto, tais predicados, evidentemente, não são exclusivos da ciência, essa interpretação pode ser aplicada a qualquer produto ou acção humana. Na verdade, não se pode identificar ou reduzir o conhecimento ao poder, excepto se tivermos por absoluta esta última noção, o que significaria ter sido resolvido o problema da relação entre metafísica e conhecimento.

Além do mais, rejeitar a redução do conhecimento ao poder é um acto político, se assim devemos expressar-nos. Um acto político de luta contra o obscurantismo e contra todas as



formas de dominação derivadas ou apoiadas na ignorância. Resguardar a possibilidade da ciência como forma de conhecimento é garantir alguma esfera de razoabilidade, para além da qual só restaria a força física e seus congêneres no plano simbólico (propaganda, censura, guerra psicológica, manipulação bioquímica). A razoabilidade é, portanto, um contra-poder, que tem no conhecimento científico um apoio e um forte aliado.

Moral, metafísica, política, dialéctica... a especificidade do pensamento epistemológico também deve ser buscada no confronto com outras abordagens do conhecimento e no interior da ciência, em contraste com seus elementos intrínsecos.

A menos que se pretenda, com efeito, insistir no desenvolvimento de uma ciência sem nome, cremos ser necessário fazer uma pausa reflexiva sobre a palavra comunicação enquanto síntese nominal de uma variedade de práticas contemporâneas que se estendem desde as trocas intersubjectivas de palavras até à transmissão tecnologicamente avançada de sinais e mensagens. Materializada em indústrias, essa síntese vem-se desdobrando em termos técnicos com enormes consequências sociais e académicas, sem que o seu nome próprio realmente configure uma unidade ou, para se atender ao espírito do tempo electrónico, uma rede cognitiva voltada para a constituição de um saber positivo.

Originariamente, comunicar – “agir em comum” ou “deixar agir o comum” – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjectiva do ordenamento simbólico do mundo. Assim como a biologia descreve vasos comunicantes ou a arquitectura prevê espaços comunicantes, os seres humanos são comunicantes, não porque falam (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um comum a ser partilhado. No âmbito radical da comunicação, essas mediações não se reduzem à lógica sintáctica ou semântica dos signos, porque são transverbais, oscilantes entre mecanismos inconscientes, palavras, imagens e afecções corporais.

Isto não é social nem teoricamente evidente. Em primeiro lugar, porque a reflexividade – localizada por uma determinada linha de pensamento na própria base da reprodução ideológica dos modernos sistemas sociais – admite que certos termos sejam capazes de produzir a realidade em que se inserem discursivamente.

Entende-se assim como o termo comunicação – oriundo do latim *communicatio/communicare* com o sentido principal de “partilha”, “participar de algo” ou “pôr-se em comum” – pôde terminar criando, no século XX, uma realidade própria a partir da sua antiga expansão



metonímica do sentido de “coisa comunicada” (reforçada no inglês communication) com o concurso das técnicas de transmissão de informações e da publicidade. O foco na interacção, que é uma instância inerente à partilha comunicacional, terminou sobrelevando o significado de transmissão de mensagens.

Etimologicamente, epistemologia significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme). (episteme + logos). Ela é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento.

Dessa lógica resulta a discrepância hialina com a doxa, opinião pessoal ou subjectiva da inteligência, a cuja qual verifica e discute os critérios da estética, da ética e da poético-artística em conformidade com o hipodermismo pragmático.

Logo, a tarefa fundamental desta ciência consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico.

O conhecimento científico é provisório, jamais acabado ou definitivo. É sempre tributário de um pano de fundo ideológico, religioso, económico, político e histórico.

Podemos considerar a epistemologia como o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. Em boa verdade, a epistemologia é o estudo do conhecimento.

A comunicação epistemológica, na medida em que pode carregar rigor e propriedade filosófica como expressão, só pode significar estudo analítico, eventualmente histórico dos fundamentos teóricos e metodológicos que estruturam a pesquisa e a produção do conhecimento por parte dos pesquisadores. Isto é, refere-se à análise das perspectivas teóricas e métodos de estudo dos quais lançam mão os estudiosos dos fenómenos ligados à imprensa, ao rádio, à televisão e a outros meios de comunicação. Confunde-a com a teoria aquele que lhe atribui à tarefa de definir o que é a comunicação enquanto objecto de pesquisa, visto que só aquela pode, legitimamente, construir seu conhecimento (Rüdger, 2014).

O campo da comunicação é centrado no sujeito, na perspectiva da afectação directa. No entanto, os objectos colocam hoje, com capacidades info-comunicacional (media) em jogo, novos desafios para pensar essa interacção comunicacional. Sem eles, falta algo no balanço dos processos socio-comunicacionais.



A perspectiva dos efeitos é, em termos esquemáticos, a busca de instrumentos de avaliação das mudanças operadas pela mídia sobre os laços de coesão tradicionais, portanto, sobre a especificidade comunitária. De maneira geral, os estudos de comunicação são afectados pelo contexto socio-cultural em que se desenvolvem, de modo que eles próprios são também um meio de se conhecer a evolução histórica do mundo (Sodré, 2016).

O calcanhar de Aquiles continua a ser o procedimento de pesquisa que, como apontado acima, busca distanciar-se da visão de águia das leituras sociológicas, bem como dos trabalhos interpretativos, que vão desde as discutíveis análises de conteúdo até às proposições de leitura semiótica do objecto, passando pela abordagem hermenêutica e psicanalítica.

A epistemologia como algo inerente às ciências sociais – portanto, nem filosofia, nem subproduto da epistemologia das ciências naturais. Ela representa a possibilidade de estabelecer um plano de afastamento crítico, que começa por distinguir o objecto empírico do objecto teórico e este da reflexão epistemológica, de modo que a própria teoria – enquanto processo e produto – torna-se matéria de reflexão.

Por isso a ciência, mesmo estando fundada em algumas crenças, distingue-se de outras formas de conhecimento; suas proposições são objecto de constantes revisões; são construções colectivas, hipotéticas e provisórias, o que denota certo controlo sobre a crença.

Postular uma dimensão epistemológica é trabalhar com um tipo de conhecimento que tem estas características. Diferente, portanto, da convicção que norteia a práxis política ou a acção social, diferente também do pensamento filosófico estruturado em princípios metafísicos (ontológicos) e de expressões ideológicas doutrinárias, moralísticas ou, ainda, de formas de pensamento naturalizadas (senso-comum) (Martino, 2016).

Por conseguinte, a comunicação epistemológica corresponde à análise da produção teórica de processos comunicacionais. Seu objecto mesmo é fruto dessa reflexão, por isso não é possível partir de um conceito natural de comunicação.

Tanto o objecto empírico como o próprio conhecimento que elabora o objecto teórico são liberados historicamente. Sua base material concreta surge por volta do século XIX com o aparecimento de novos processos comunicacionais ligados à singularidade da sociedade complexa (ou industrial, de massas), como o jornalismo industrial, a publicidade comercial, a propaganda ideológica, o exercício do poder baseado na opinião pública. Aos quais correspondem várias instituições facilmente identificáveis, como profissionais da comunicação,



estruturas institucionais (órgãos governamentais, empresas, sindicatos), mercado de comunicação (indústria cultural, telecomunicações), dispositivos legais (regulamentação dos meios, combate a crimes cibernéticos), cursos universitários.

Defende-se que a comunicação é motivo de crescente confusão entre os interessados na sua reflexão teórica e esclarecimento categorial, na medida em que as pretensões de convertê-la em chave de ciência disciplinar autónoma, sustentadas por alguns académicos, ignoram seu carácter e sentido como meio de pensamento.

Sempre que se apresenta, a epistemologia, nos estudos de comunicação, nada tem que lhe seja singular (comunicacional) e, onde visa esta meta, sucumbe na petição abstracta, visto não apenas o seu total alheamento em relação à prática de investigação efectivamente exercitada no campo, focada na media, mas, também e, sobretudo, seu desconhecimento dos limites proposicionais do conceito de comunicação.

Epistemologicamente, todavia, parece-nos acertado distinguir “comum” de “comunidade”, reservando ao primeiro termo o sentido de uma disposição ontológica originária inerente à filogénese e à ontogénese do ser humano, como transparece na concepção heideggeriana do Dasein.

A comunidade, por sua vez, não é a actualização institucional desse comum originário, mas algo em que sempre estamos na medida em que sempre nos comunicamos, no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas do laço coesivo. São várias, assim, as formas de comunidade: comunidade política, comunidade científica, comunidade jurídica, comunidade artística, etc. Cada uma delas resulta de uma subjectivação que, por sua vez, instaura um novo comum.

Diz Ranciere:

Uma subjectivação faz comum, desfazendo-o. A partir deste núcleo lógico, primeiro podemos compreender que faz comum pondo em comum o que não era comum, declarando como atores do comum aqueles ou aquelas que não eram mais do que pessoas privadas, fazendo ver como relevando da discussão pública assuntos que relevavam da esfera doméstica, etc.

Estrito epígono de Heidegger, Espósito mantém, entretanto, o termo “comunidade” como idêntico ao comum, sob a alegação de que é o conceito de comunidade (e não qualquer entidade “comunitarista”) quem nos diz que ser é estar-junto, é ser-com. Ou seja, não se parte da ideia de um “eu” ou de um “não eu”, mas de um “com” constitutivo. Isto fica implícito, aliás, na



fórmula buberista do eu-tu. A perspectiva dessa preposição constitutiva é, filosoficamente, desenvolvida por Heidegger ao mostrar como a descoberta ou o desocultamento das coisas (a verdade) coincide com a existência: a verdade pertence, pois, à existência enquanto esta é essencialmente descobridora.

O Dasein ou existência consiste em estar junto ao que está presente ou aí-adiante (Vorhanden), portanto, junto às coisas a serem descobertas de maneira compartilhada, de modo que todo ser, até mesmo o solitário, implica o ser-uns-com-outros (Mitsein).

Como frisamos, esse é um discurso de natureza filosófica, o que dá margem a objecções ou indagações de outras ordens sobre o grau de verdade da argumentação. É frequente, com efeito, a confusão entre a realidade e o desejo pessoal inscrito nas ideias que se produzem sobre o mundo. Tomar o desejável pelo verdadeiro ou fazer da profissão de fé uma verdade são atitudes – portanto, inclinações do “coração” – recorrentes no pensamento social, observa Courtial, para quem até mesmo “Einstein, como mostra Lewis Feuer, desejava no fundo de si mesmo evidenciar a relatividade da física de sua época. Só depois ele pôde provar a verdade do seu desejo”.

Heidegger não é alheio a esse tipo de objecção, já que ele próprio se pergunta, a propósito do ser-uns-com-outros, se tudo isso é algo mais do que teses bem curiosas e arbitrárias, que permanecem simplesmente contraditadas pelos factos, ou seja, como pode afirmar-se que a verdade acerca do que está-aí-adiante, acerca das coisas, seja necessariamente algo que uma existência compartilhe com outras ou [a existência] se divida com outras?

Ele explica com um caso suposto:

Suponhamos que alguém faça uma descoberta particular, que descubra uma planta rara e os lugares onde ela costuma crescer; pode ser que o afortunado descobridor mantenha a sua descoberta em segredo toda a sua vida, e ninguém mais saiba dela. O descobridor não pode, aliás, fazer outra coisa senão esconder ou comunicar a descoberta. Mas até mesmo na negação já existe um compartilhamento, só que no modo negativo. A verdade do “desocultamento do que está-aí-adiante, no caso, a descoberta da planta, não é propriedade de nenhuma existência particular, porque o descobrir, em si mesmo, só é possível graças à abertura essencial de toda existência.

Portanto, a existência é aberta ou desocultada enquanto existência, mesmo quando nenhuma outra existência a apreenda de maneira fáctica. Em outras palavras, a descoberta é



intrinsecamente comum, uma vez que existência é Dasein, isto é, estar-aí, ser-no-mundo, que significa trazer consigo ou começar trazendo consigo o círculo, o âmbito do possível fazer-se manifesto (e de a existência se fazer manifesta), da possível evidência (ou Of enbarkeit), quer dizer, o ‘aí’ (o ‘ex’, o ‘fora’), e só estando dentro dele podem, também, as coisas fazerem-se manifestas, ou seja, só dentro dele pode igualmente o que está-aí-adiante (o que há, as coisas) fazer-se manifesto.

CONCLUSÃO

Os macro-desafios da comunicação epistemológica perpassam, seguramente, por construir um plano sólido de educação que visa ao mapeamento estratégico e por identificar as agruras na formação universitária, nos programas académicos e na desmotivação do quadro docente e discente.

Em consonância com a evolução da ciência, impende-se que exista uma séria promoção de debates no ensino superior, critério de medição de conhecimento, e que se reconheça que o desenvolvimento pessoal e profissional depende, indatimicamente, da comunicação. No entanto, comunicar com estilo não é só abrir a boca e “soltar o veneno”,

Por conseguinte, defende-se que, no entender de Rüdiger, a comunicação é motivo de crescente confusão entre os interessados na sua reflexão teórica e esclarecimento categorial, na medida em que as pretensões de convertê-la em chave de ciência disciplinar autónoma, sustentadas por alguns académicos, ignoram seu carácter e sentido como meio de pensamento. Sempre que se apresenta, a epistemologia, nos estudos de comunicação, nada tem que lhe seja singular (comunicacional) e, onde visa esta meta, sucumbe na petição abstracta, visto não apenas o seu total alheamento em relação à prática de investigação efectivamente exercitada no campo, focada na media, mas, também e, sobretudo, seu desconhecimento dos limites proposicionais do conceito de comunicação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Martino, L. C. (2017). Escritos sobre epistemologia da comunicação. Porto Alegre: Sulina.

Platão, F. P. S.; Fiorin, J. L. (1995). Para entender o texto: leitura e redacção. 4 edição. São Paulo: Editora Ática.

Rüdiger, F. (2014). Epistemologia da comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. Porto Alegre, Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia.

Sodré, M. (2014). A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes.

FARMHOUSE Ciência & Tecnologia

